

Máquinas chegam ao território dos waimiris-atroaris

Brasília (Sucursal) — Um comunicado do posto de Alalau, em Roraima, divulgado ontem pela Funai, informa que as máquinas de terraplenagem do 6º BEC atravessaram o Igarapé de Santo Antônio do Abonari, situado no trecho final da Rodovia Manaus—Caracarái, ingressando sem qualquer incidente em território dos waimiri-atroari.

Estes índios, que já realizaram vários massacres contra os brancos, fizeram recentemente ameaças contra os construtores da estrada, quando eles se preparavam para construir uma ponte sobre o rio Alalau. Os waimiri-atroari acreditavam que a ponte espantaria todos os peixes do rio, privando-os assim de sua principal fonte de alimentação.

Entendimento

Aparentemente a questão da ponte ficou em ponto-morto, depois de um entendimento do sertanista Fiorello Parisi com alguns índios do grupo, garantindo-lhes que a obra não iria prejudicá-los. Houve depois o regresso de Parisi a Manaus e o silêncio caiu sobre a questão, com a Funai recusando novas informações a respeito.

Agora, com a invasão ostensiva de suas terras, pela introdução das máquinas de terraplenagem, a situação poderá levar a um desfecho violento.

Massacres

Nas vizinhanças da reserva indígena dos waimiri, numa extensão de muitas léguas, não se vê uma casa e nem um *mateiro* se arrisca a penetrar.

Os waimiri-atroari têm uma tradição de luta conhecida e impressionam pelo número: cerca de 2 mil.

Em janeiro de 72, eles arrasaram um posto avançado da Funai, na região, matando os seus três funcionários. Antes, em 68, eles liquidaram a expedição do padre Calleri. A partir de 1840 esses índios dizimaram 14 expedições, massacrando todos os seus componentes.

No começo do século eles arrasaram a cidade de Moura, em Roraima, só escapando alguns que fugiram a tempo.

Traição

O que o branco mais teme no waimiri-atroari não são exatamente a coragem e a disposição de luta, mas a forma como combatem. Ao contrário dos demais, esses índios não lutam de peito aberto: utilizam de todos os recursos, inclusive a traição, que aprenderam com os brancos.

Isto começou nos anos de 40, quando três brancos, Pedro Alfredo e Antônio, funcionários do extinto SPI (Serviço de Proteção ao Índio), destacados para a região, depois de um trabalho penoso e demorado conseguiram a reaproximação com esses índios. Mas o clima de confiança e harmonia foi logo quebrado, segundo os sertanistas, por causa de outros brancos, que cometiam toda sorte de afronta aos índios. Os funcionários Antônio, Pedro e Alfredo, indignados com o procedimento dos demais, apenas interessados em terras e lucros, abandonaram o posto e passaram a viver com os índios.

Morreram combatendo por eles, num ataque dos brancos, mas deixaram-lhes um legado: a *luta suja*, com todos os truques utilizados pelos civilizados, mas que eles até então se recusavam ou não sabiam aprender. Pedro ficou conhecido como Pedro Guerreiro e quase todo atroari tem hoje Pedro, Alfredo ou Antônio no nome.

Um exemplo do que os índios aprenderam está no próprio massacre do posto da Funai. Por dois dias eles compareceram às festas promovidas pelos funcionários, expediente que faz parte da estratégia de aproximação. Nessas festas, os waimiri-atroari comeram e beberam à farta, não esquecendo de levar os brindes e presentes que os brancos amistosamente lhes ofertaram. Partiram entre abraços e juras e, à noite, voltaram e flecharam os funcionários, matando-os todos.